

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO - O CASO DE PELOTAS -

Hilda Simões Lopes

Socióloga e escritora. Mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília

Sumário

1. Memória Social; 2. Memória Social no terceiro milênio; 3. Patrimônio Histórico; 4. A Memória Cultural e as migrações - o caso dos pomeranos em Pelotas; 5. Memória e Patrimônio Histórico - o caso de Pelotas; 6. Pelotas: Patrimônio Cultural Brasileiro; 7. Os doces de Pelotas - Patrimônio Imaterial Brasileiro

1. MEMÓRIA SOCIAL

Em tempos primitivos e iletrados, os indivíduos, acompanhados por suas crianças, reuniam-se em torno às fogueiras e contavam histórias; eram lendas e casos fantásticos que, sobretudo, falavam das origens. De onde vieram, como nasceram, como caçavam e comiam, lutavam e morriam, curavam-se e sobreviviam, a quem deviam respeitar e a quem temer. E havia árvores e imagens sagradas, e um passado também sagrado perante ao qual deviam calar e celebrar, pois dele tinham se originado. Tais comunidades ancestrais assim faziam para manterem vivas suas memórias e garantir às futuras gerações o conhecimento de um passado que era sua herança e formava seu patrimônio. Aqueles indivíduos não tinham consciência, mas intuitivamente estavam assegurando ao grupo o conhecimento de suas raízes e assim lhes garantiam o fortalecimento das próprias individualidades.

Quando falamos em Patrimônio Histórico é preciso que enfoquemos o conceito de Memória Social. Impossível falar em Patrimônio Histórico para membros de uma comunidade onde inexitem memórias; é difícil respeitar um quando se desconhece ao outro.

Essa ideia hoje é tão clara que dentro da Sociologia surgiu a Sociologia da Memória. Criada pelo francês Maurice Halbwachs nas primeiras décadas do século XX (*Les Cadres*

Sociaux de La Memoire e La Memoire Collective), esse novo ramo da pesquisa social trata das relações da sociedade com o passado. Com o dinamismo e a riqueza simbólica que possui, a Memória interfere diretamente na construção das identidades. A Memória serve de instrumento e base para que a sociedade tenha uma história mais consistente e mais humanizada; onde a Memória não é valorizada, ela se apresenta de modo fragmentado, as informações e as lembranças chegam aos pedaços e a população fica desconectada de seu passado, o que, comprovadamente, a torna fragilizada. E isso é tão sério que hoje se fala em comunidades vítimas de “Amnésia Social”.

Devemos enfatizar que a construção da Memória ocorre em duas abrangências. Na Memória Comunicativa - que tem a ver com a transmissão das lembranças do dia a dia através da oralidade das interações sociais - onde são guardadas memórias relativamente recentes; e na Memória Cultural onde ficam registros materiais que são transmitidos de geração a geração. Encontramos a Memória Cultural em textos, livros, monumentos, estátuas, rituais, hinos, festas, obras de arte e por aí adiante. Tal Memória está cristalizada e desse modo experiências ancestrais são conhecidas e compartilhadas pelo grupo. A construção dessa Memória implica na referência ao que não foi presenciado, e sua dimensão coletiva começa a se formar na infância; a sociedade deve preservar as memórias contidas em sua cultura, de maneira a que as mesmas se incorporem na percepção e identidade de suas crianças.

A História precisará das memórias cristalizadas em manifestações culturais para ser construída, enquanto a Memória comunicativa permanecerá viva nos indivíduos da coletividade. E aqui é necessário que se fale na importância do afeto no aprendizado das memórias passadas. A afetividade nutrida pela construção da imagem de se originar de “um lar”, “um lugar”, “uma história” é determinante ao desenvolvimento de identidades sólidas.

Indivíduos com rica Memória Cultural constroem imagens narrativas do passado ao se auto referenciar e se afirmarem como parte de um grupo. E aí percebemos como é importante a cada membro ser capaz de seguir as regras de como lembrar e do que é importante lembrar.

Os estudiosos da Memória ressaltam o quanto ela atua como “força coletiva unificadora”, daí ser ameaça aos regimes totalitários. Por isso historicamente os invasores procuravam destruir o passado, as bibliotecas e os monumentos, os locais de culto e rituais porque sabiam como, controlando o passado, era bem mais fácil controlar o presente e o futuro.

2. MEMÓRIA SOCIAL NO TERCEIRO MILÊNIO

Hoje, no terceiro milênio, a Sociologia da Memória discute o surgimento de uma espécie de fragilização da ideia de futuro, enquanto o passado cresce como sentimento. Pesquisadores consideram que, a partir dos anos 1980, as pessoas começaram a sentir uma espécie de insegurança em relação ao futuro; a velha promessa de dias melhores teria perdido a força. Isto se deveria à violência excessiva do século XX e ao surgimento de inúmeros e desconhecidos problemas enfrentados pela sociedade contemporânea como, por exemplo, a crise ambiental e a mudança de hábitos e comportamentos decorrentes da avassaladora evolução tecnológica.

Hoje, imersa na segunda década do terceiro milênio, a sociedade segue mudando de modo vertiginoso. Se havia algumas décadas, o sociólogo Zygmund Bauman escrevia vários livros sobre o quanto a nova sociedade havia se tornado “líquida”, porque as relações, o amor, a amizade, o trabalho, a verdade e etc... haviam perdido a solidez e tinham ficado escorregadias e passageiras tal e qual a água de um copo que se poderia virar, hoje, essa percepção começa a ser ultrapassada.

De “líquida”, diz o sociólogo Anthony Elliot – ocasionando grande impacto entre os estudiosos das relações humanas – a sociedade passou a ser a “sociedade da reinvenção”. Pois agora, mais do que se liquefazer, a sociedade “reinventa”. Reinventa-se o trabalho, reinventa-se a família, reinventa-se o amor, reinventa-se o corpo e o rosto, reinventa-se a idade, reinventa-se o sexo, a vida profissional, reinventa-se a realidade em redes sociais, reinventa-se e inventa-se a felicidade para ser vista e exibida; o individualismo é substituído pelo “novo individualismo” no qual as identidades, o sexo e o visual são descartáveis. Reinventar o que se bem entende é fácil para os membros desta sociedade que estimula o narcisismo, cultua quem é famoso, idolatra as grande fortunas; os egos ficam imensos e agressivos, a competição e a ambição se auto justificam em níveis estratosféricos, e, sem perceberem, as pessoas ficam hipnotizadas por mecanismos de fuga: As estatísticas mostram o quanto cresce de modo acelerado o número de suicídios, é assustadora a quantidade de quem vive entorpecido, com álcool, drogas de todo o tipo, com o consumismo desenfreado, com excesso de remédios. Indivíduos despedaçados não conseguem buscar o futuro, embotam a criatividade e a sensibilidade, e como se fossem árvores ameaçadas pelas ventanias, buscam as raízes, procuram a firmeza perdida, procuram o passado.

Enfim, dizem os estudiosos, “o passado parece ter invadido a nossa consciência”. Esta realidade é preocupante porque a Memória social deve servir a nos auxiliar a planejar o futuro, a “olhar para a frente”. A Memória surge, assim, como um artifício para proteger o passado contra a ação corrosiva do tempo e para dar subsídios para quem se perdeu de si mesmo. Mais do que encontrar no passado o entendimento das identidades, é preciso achar, ainda que no passado, um valor difícil de ser percebido no presente.

Deve-se ter claro que a preservação da Memória nem deve ter um caráter ufanista, nem de construção de um passado heroico, o passado não deve ser espaço para as vaidades e o narcisismo, mas para a apreensão de conhecimento. Da mesma forma, muitos povos podem se prender a memórias traumáticas, de guerras, genocídios e grandes tragédias, porém, dizem os pesquisadores, a Memória deve funcionar como uma espécie de bagagem necessária para que a sociedade construa seu futuro, e não como um caminho para o revanchismo ou a auto piedade.

3. PATRIMÔNIO HISTÓRICO

O Patrimônio Histórico de uma nação, ou mesmo de uma cidade ou região, engloba a cultura material e imaterial da mesma. Os saberes, crenças e habilidades constituem a cultura imaterial; tal cultura engloba as manifestações literárias, os rituais e as festas, a religiosidade, os hábitos alimentares, enfim é o depositário da forma de ser e viver das pessoas. Já os bens materiais da comunidade, como seus prédios, monumentos, acervos museológicos,

arquivos e objetos de decoração e de arte, integram a cultura material.

O Patrimônio Histórico é a herança coletiva, e entre nós ainda é prioritariamente preservado pelo poder público. No Brasil ainda é pequena a adesão dos membros de grupos sociais privados às condutas de preservação. Apesar de várias iniciativas contarem com o apoio das leis de incentivo à cultura, a captação de recursos é difícil e impede o prosseguimento de vários projetos.

Preservar o patrimônio cultural envolve, além da questão institucional e financeira, ações na área de educação patrimonial, divulgação, inventário de acervos e pesquisa. Preservar bens móveis e imóveis além de proteger o patrimônio arqueológico e natural são iniciativas prementes para a valorização da cultura brasileira.

4. A MEMÓRIA CULTURAL E AS MIGRAÇÕES

O CASO DOS POMERANOS EM PELOTAS

As pesquisas com os imigrantes têm revelado como os membros desses grupos se comportam frente à manutenção de suas memórias. Enfocando, por exemplo, a cultura pomerana - que teve considerável número de imigrantes vindos da então Pomerânia, na Alemanha, para o sul do Brasil - a análise do modo de vida dessa comunidade foi interessantíssima. Coordenei a pesquisa da Universidade Federal de Pelotas nas comunidades pomeranas de Pelotas e São Lourenço do Sul.

Essa pesquisa adveio de solicitação do embaixador da Alemanha ao reitor da UFPEL porquanto “a cultura pomerana hoje está morta na Alemanha embora seja viva no sul do Brasil”. O trabalho revelou que, naquele momento (anos 90 do século XX), o patrimônio de cultura imaterial dos pomeranos começava a desaparecer. Com a forte penetração das indústrias de cigarros, incentivando as plantações de fumo, os pomeranos abandonavam suas memórias, sua cultura, e abraçavam novos valores que vinham destruindo de modo avassalador suas identidades. O sofrimento da comunidade - para quem a referência de identidade vinha da cultura da velha Pomerânia - era visível. Surgiam o alcoolismo, a prostituição de adolescentes, problemas de saúde pela incapacidade em saber lidar com os defensivos que o plantio do fumo exige, e pobreza extrema.

Encontramos os pomeranos comprando na venda da estrada desde o pão, a manteiga, galinhas, ovos, batata... Faltavam produtos que há décadas produziam em suas terras porque todas estavam ocupadas com o fumo. Transformamos a pesquisa em multidisciplinar e diversos departamentos da Universidade, inclusive o setor de Extensão Rural, auxiliado pela Embrapa, passaram a estudar e planejar a como recuperar a comunidade pomerana.

A pesquisa sociológica revelou como aquelas mulheres e homens que agora passavam os finais de semana bebendo e jogando cartas (onde perdiam o pouco dinheiro que tinham), sentiam nostalgia de suas memórias. Estudantes pomeranos passaram a integrar nosso grupo para auxiliar nas entrevistas porque vários idosos só falavam no dialeto de origem. E foi assim que resgatamos fotografias das noivas de preto, dos “casamenteiros” (homens que montavam cavalos enfeitados com flores e percorriam as casas convidando para os casamentos), das bandinhas que alegravam as festas e as noites, recompomos as

roupas típicas com suas tristes cores acinzentadas, a música e o folclore (conseguimos integrar uma professora de origem pomerana em nosso grupo de pesquisa), a alimentação, os valores, as relações de gênero. O resultado foi positivo, sua cultura se materializou em um grupo folclórico e na construção de um pequeno museu, suas músicas reviveram enquanto suas memórias resgatadas eram incentivadas, aplaudidas e divulgadas.

Não nos deteremos aqui na amplitude da pesquisa e de seus valiosos resultados. Mas queremos ressaltar o que em Sociologia é chamado Fenômeno do Desafio / Resposta. Quando um grupo social é desenraizado de seu local de origem, as pessoas passam a vivenciar compulsivamente a cultura de origem como forma de mantê-la viva. Cercadas por uma cultura estranha – que as desafia – as pessoas respondem repetindo os hábitos que viviam na cultura onde nasceram e cresceram. Os grupos sociais respondem ao desafio da emigração seguida pela imigração, cultuando religiosamente suas memórias.

Esse comportamento constata-se, aqui no sul, por exemplo, em vários estudos feitos com imigrantes italianos, que, voltando seus descendentes às cidades de origem, encontram lá a cultura (que ainda é mantida viva no Brasil) bastante desfigurada.

Essa observação é importante, pois vamos, a seguir, comentar o Patrimônio Histórico de Pelotas. Formada, em sua maioria por imigrantes portugueses, Pelotas é uma cidade onde a cultura portuguesa ainda se mantém viva. No caso dos doces – conforme descreveremos – alguns deles, lá em Portugal, já não são feitos com a riqueza dos detalhes de suas receitas ancestrais; no entanto, tais receitas, exatamente como eram, encontram-se nos doces feitos no extremo sul do Brasil.

5. MEMÓRIA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO

O CASO DE PELOTAS

Vivemos em um país tardio, e, nele, em sua área mais tardiamente povoada. Em consequência, apenas há algumas décadas, quando já tínhamos grande parte de nosso patrimônio histórico perdido, começamos a nos preocupar com o mesmo. É verdade que a cultura material, como as casas e os monumentos, vem abaixo mais rapidamente; mas temos a cultura imaterial, que nem sempre é visível nem perceptível - como nosso conhecimento e valores, a forma como nos alimentamos e educamos nossos filhos, nossa fé e crenças -, perdura por mais tempo, mas não sendo estudada, registrada e valorizada, como fonte ao entendimento de quem somos, também irá desaparecer. E vou exemplificar o acima dito com um caso visível e inequívoco.

Pois cá no do sul do Rio Grande do Sul fica Pelotas. Dita cidade de porte médio, luta há décadas para que suas memórias permaneçam vivas e seu patrimônio material e imaterial sejam preservados. Foi bonita, aliás, mais do que isso, foi linda. Lindeza arquitetônica, educação e cultura, pujança econômica, espaço de apreço às artes e uma rica história para ser contada. Bem, antes que você me chame de ufanista, de fato, sou pelotense. Mas não tenho culpa por sua boniteza.

E lhe conto: nasceu de um Rincão. Que chamavam das Pelotas, por causa dos botes de couro usados pelos índios tupis, os primeiros habitantes. No século dezoito o Rincão

das Pelotas vira a pequena Freguesia de São Francisco de Paula, sobre a planície cercada por águas, banhados e brumas, muitas brumas.... Quando lá começaram as charqueadas o lugar cresceu, a carne salgada era comercializada, o dinheiro abria mais e mais negócios e o lugar se transformou. Anos passados se tornou vila e em 1835 foi elevado à cidade de Pelotas.

Imagine ruas num traçado xadrez, perfeito; uma igreja que vira catedral, rica em obras de arte e imagens vinda de Portugal, na praça cheia de casarões. Adiante, indo por rua com sobrados imensos onde estão os prateiros expondo a beleza de seus trabalhos, você chega à praça chamada “da República”; em frente, a Prefeitura e a Biblioteca, pelo entorno, casarões neoclássicos encimados por estátuas e vasos, imensas portas, portais, batentes e janelas senhoris vindas da Europa; mármore de Carrara e mosaicos italianos, portões e grades de ferro e bronzes senhoris, azulejos portugueses e ingleses, vitrões e bandeiras semeando incríveis luzes coloridas, chafarizes e monumentos que não paravam de chegar; também chegavam jornais, livros e revistas, e as modistas e os comerciantes ingleses e franceses, e logo os móveis e as cortinas, a prataria, as porcelanas e os cristais; e ainda os linhos belgas, as sedas puras e os cetins italianos, as cambraias e os organdis suíços dos enxovais completos. E chegavam seus filhos que tinham ido estudar fora, médicos, engenheiros, bacharéis. As casas tinham bibliotecas, havia o primeiro teatro do Rio Grande do Sul onde se assistia óperas vindas de Buenos Aires que de Pelotas seguiam ao Rio de Janeiro. E se inauguravam Liceus e Escolas, até de nível superior. Enfim, assim foi.

Por trás dessas imagens, o riquíssimo ciclo do charque a cada ano mais consolidado na cidade, fazia de suas charqueadas, às margens do arroio Pelotas, verdadeiras usinas de dinheiro e desenvolvimento local.

Ao final do século XIX a indústria saladeril enfrenta a crise, é difícil competir com os saladeros do Prata, os problemas com a administração central se somam, os impostos seguem altos e as charqueadas começam a fechar.

Entra o século XX e Pelotas continua sofisticada e suntuosa. O povo segue com hábitos culturais diferenciados, lendo, gostando de ópera e apreciando a música clássica. Estudam piano, harpa, violino, e seguem a se reunir nos casarões em seus saraus onde além da boa música, discute-se literatura, diz-se poesia, canta-se, enquanto se bebe *champagne* e se apreciam doces especialíssimos.

Os gaúchos das cidades vizinhas têm dificuldade de entender e bem aceitar a gente daquela cidade. Ali as mulheres falam francês e se vestem com esmero, os salões mostram mesas principescas com talheres de ouro e prata, porcelanas inglesas, cristais alemães e toalhas de linho e rendas. Os homens usam polainas e cartolas, apreciam ópera e gostam do bom teatro. Pouco a pouco, no Rio Grande do Sul, Pelotas passa a ser vista como a cidade das pessoas esnobes e pretenciosas enquanto circulam anedotas e piadas sobre a feminilidade de seus homens. Afinal, a cidade havia empobrecido mas a população, dizia-se, continuava com aquela espécie de “arrogância”, embora muito se elogiasse o quanto os pelotenses eram educados e sabiam bem receber.

De fato, em Pelotas, as artes e, particularmente a música e a literatura, eram bastante

fortes. Eu mesma, como professora da Universidade Federal de Pelotas, fui amiga de uma professora universitária espanhola, que veio pesquisar em nossa região e, depois de lecionar na capital, passou algum tempo pesquisando e lecionando em Pelotas; dizia-me ela ser melhor lecionar em Pelotas porque lá os alunos tinham conhecimento literário mais sólido do que em Porto Alegre. Compreensível, em Pelotas era difícil ver casa onde não houvesse as coleções completas de Machado de Assis, de Eça de Queiroz e Vitor Hugo; as crianças cresciam ouvindo falar em livros.

O século XX seguiu adiante, a cultura imaterial de Pelotas se manteve mas a cultura material, seus casarões e monumentos, começaram a se deteriorar. Enquanto isso a fama da sofisticação dos pelotenses se perpetuava.

Em verdade, o que ocorria com a cidade, era que ela havia sido a porta de entrada para a cultura europeia – sobretudo francesa – no Rio Grande do Sul. E, paralelamente, faltava ao povo da região o conhecimento da cultura e da história do lugar. Conhecimento que, muitas vezes, faltava aos próprios pelotenses. Quando as Universidades abriram seus cursos de Ciências Humanas e a cultura e a história da cidade começaram a ser estudadas, debatidas, entendidas e faladas, os pelotenses não só revigoraram sua identidade como passaram a explicar as memórias da cidade, seu passado e sua história.

6. PELOTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO

Talvez o leitor esteja a se dizer que o relato de uma cidade ter sido próspera em decorrência de um ciclo de riqueza que depois entra em decadência e colapso, aconteceu e acontece em todos os países e em vários locais do Brasil.

É, porém, interessante observarmos o caso de Pelotas para abrirmos a reflexão sobre as consequências da não preservação da Memória e do Patrimônio Histórico de uma comunidade.

Em maio deste ano de 2018 Pelotas foi declarada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Nacional - **Patrimônio Cultural Brasileiro**.

O reconhecimento nacional do valor do Patrimônio Cultural de Pelotas, vai além de suas fronteiras. Com ele, O Rio Grande do Sul passa a ter em Pelotas um epicentro cultural diferenciado. O qual não é superior nem inferior à cultura do estado, é, apenas, diferente. Diferença esta, que vem de um ciclo de desenvolvimento extraordinário ali ocorrido, o qual contribuiu significativamente para o enriquecimento da região e do país.

E deu ao estado do extremo sul do país, a consciência pública de ser o receptáculo de um patrimônio cultural que se diferencia da maior parte do patrimônio cultural do estado, o qual merece e deve ser valorizado, preservado e visitado.

7. OS DOCES DE PELOTAS PATRIMÔNIO IMATERIAL BRASILEIRO

Naqueles casarões de Pelotas faziam-se as mais finas e deliciosas receitas da doçaria portuguesa. As mocinhas aprendiam com mães e avós o cuidado com as caldas e as

gemas, a delicadeza do *fondant* translúcido, do caramelado vítreo, a magia dos bolos negros derramando os recheios de ovos moles, frutas e nozes temperadas com o melhor vinho do Porto. O segredo do fascinante pastel de Santa Clara, dos pasteizinhos de nata, dos bem-casados, e mais os quindins e as queijadinhas, as fatias de Braga, os camafeus e os olhos de sogra. E se cortavam papéis de seda finíssima em franjas delicadas que, com uma boa passada do fio da tesoura ficava encacheado e lindo, pronto para ser o berço onde os doces seriam postos. Faziam cachos de passas de uva caramelizados, que enchiam imensos centros de mesa pelo meio de pirâmides de fios de ovos, de cerejas curtidas no *champagne* e de amêndoas marmorizadas.

As receitas dos doces de Pelotas estão em cadernos antiquíssimos, alguns, vindos de Portugal. Aprendi com minha avó os famosos Pastéis de Santa Clara; ela me ensinou que a massa era aberta sobre toalha de linho branco onde depois se pincelava manteiga com imaculada pena de galinha e se abanava para secar com um grande leque. O recheio, os famosos “ovos moles”, é só gema engrossando o açúcar transformado em calda; em Pelotas, é crime colocar um mínimo de qualquer farinha para ajudar a engrossar a calda. Também é crime colocar essência aonde deve se colocar amêndoas raladas, nozes, castanhas.

Certa vez, fui apresentar um trabalho em seminário de Sociologia na Universidade de Vila Real, norte de Portugal. Os professores me perguntavam se já tinha experimentado os Pastéis de Santa Clara, eles haviam nascido lá, no convento de Santa Clara; as freirinhas tinham muitas galinhas pois precisavam das claras para engomar os chapéus e os grandes babeiros dos hábitos; e como fizessem as hóstias para as igrejas, e sobrassem muitas gemas, inventaram os “ovos moles” e com eles recheavam a finíssima massa das hóstias. Nasciam os famosos pastéis. Assim, levaram-me à melhor das confeitarias para prová-los. Precisei disfarçar minha decepção: Eram grandes, feitos de uma massa grossa que nada tinha mais a ver com hóstias, e o recheio era opaco e pesado, sem dúvida, tinham adicionada farinha às gemas para simplificar e baratear os “ovos moles”. De fato, andei já Portugal afora, há pastéis com os mais diferentes nomes, do céu, dos anjos, de ovos e de várias santas, e nenhum repete o original pastel das freirinhas de Santa Clara. Esses estão nos velhos livros de receitas vindos do velho Portugal, e são os que se repete ainda (lembra o que acima falei sobre o Desafio / Resposta?) em Pelotas.

Em maio deste ano de 2018 os Doces de Pelotas foram declarados **PATRIMÔNIO IMATERIAL BRASILEIRO** pelo IPHAN.

Acho bonito ver-se a cultura transplantada sendo cuidada e preservada como tem feito Pelotas com os famosos doces portugueses. Certamente a manutenção exata de suas receitas cá no sul do Brasil tem muito a ver com a nostalgia e a saudade que sentiam nossas ancestrais de seu berço de origem, enquanto, nas brumas de Pelotas, abanavam seus leques de madrepérola nas massas, engrossavam caldas e tendiam seus doces sagrados.